

Certos sociólogos ...

Certos sociólogos feitos à pressa, sem ciência nem consciência dos fenômenos sociais, metem-se a discutir assuntos de que não percebem patavina, mas nem por isso deixam de tomar o ar catedrático de quem dá uma lição aos outros. Isto vem a propósito dum artigo inserido na *Vida Ribatejana* em que um desses sociólogos, depois de mostrar uma profunda ignorância das várias doutrinas socialistas, chega a dizer que a comunista e a bolxevista se baseia na não existência do Estado, como se não houvesse comunistas autoritários e não fossem os próprios bolxevistas que aproveitam o próprio Estado como elemento de opressão contra a burguesia.

Desta forma tóda a defesa que o tal sociólogo faz do Estado, se essa defesa colhesse ia aproveitar afinal aos próprios bolxevistas que ele combate e que não prescindem da organização do Estado. Porém essa defesa é tão profunda que os pobres dos bolxevistas aproveitam tanto com ela como o capital, de cujos benefícios o grande sociólogo nos quer convencer.

Esse cavalheiro, que não faz uma ideia das doutrinas revolucionárias ou as deturpa conscientemente, o que é pior, afirma que no comunismo libertário os actos humanos são todos baseados apenas no amor do próximo. E acha que isso não dá resultado.

Confunde, lamentavelmente, o articulista, o comunismo libertário com o comunismo cristão. Ora é muito diverso. Os cristãos, por sentimento religioso, por espírito de humildade, punham os seus bens em comum. Era o amor do próximo e de Deus. E, a-pesar dessa base insubstancial, o comunismo cristão representou alguma coisa, sob o ponto de vista moral duma época.

Os comunistas libertários, pelo contrário, pretendem que se faça a socialização de todas as riquezas, não por amor do próximo, mas no próprio interesse individual. A prática do comunismo, trará, evidentemente, um aperfeiçoamento das relações sociais, aumentando portanto a afabilidade entre os homens, que é, pois, um efeito, não uma causa determinante da vida comunista libertária.

Precisamente, para que essa vida seja livre, é a que há a necessidade de evitar a coacção organizada do Estado, deixando as relações humanas com a única sanção dos inconvenientes resultantes do não cumprimento dos acordos, livremente contraídos. E' isso que não compreendem os defensores do Estado e do Capital, como o formidável sociólogo de que nos ocupamos.

Felizmente, que o bom senso do operariado se não deixa arrastar pelas sugestões desses solícitos defensores do capitalismo.

E como o homem declara que nada se faz por amor do próximo, já ficamos a saber que o artigo de defesa do capital lhe deve ter rendido alguma coisa mais do que a simpatia daqueles que, com certeza, não defendeu pelos seus bonitos olhos.

Lede o Suplemento de A Batalha

As vantagens do tratado russo-japonês

Segundo o afirma a "Humanité" o tratado é muito favorável às aspirações dos imperialistas japoneses!!!

Dissertando à volta do tratado, que recentemente assinaram a Rússia e o Japão, a "Humanité" de 26 de Março último fez, para nós inimigos irreconciliáveis de todos os imperialismos, —umas preciosas declarações que, em parte, vamos passar a transcrever:

"Na impossibilidade de renovar a aliança com a Inglaterra, o Japão dirigiu-se à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e pela assinatura do tratado de Pekim, os dois países fizeram a paz. O primeiro Estado proletário, tendo condenado, em princípio e de facto, as aspirações imperialistas da antiga Rússia tsarista, não constitui nenhum perigo militarista para o Japão. O tratado de Pekim, libertando assim o front oeste do Japão, permite-lhe retirar grandes massas ofensivas e defensivas desse lado para as empregar na luta futura contra os seus rivais imperialistas ingleses e americanos. Além disso, o tratado de Pekim contém um segundo ponto não menos importante. Este ponto capital para a política imperialista do Japão reside na possibilidade, que lhe é dada de se aprovisionar em combustível, quer pela exploração das con-

A COMEMORAÇÃO DO 9 DE ABRIL

Recorda-se que o sangue derramado na guerra aproveitou especialmente à oligarquia financeira

Passa hoje mais um aniversário sobre o 9 de abril, a jornada militar trágico-heróica, onde alguns milhares de soldados portugueses tombaram ensanguentados, nas terras de França.

Anti-militaristas por convicção, porque a história nos ensina e demonstra que a felicidade dos povos não assenta na força das armas, mas na educação dos espíritos, não iremos no dia de hoje juntar as nossas palavras ao entusiasmo de tanto patriota, nem sempre sincero, unicamente para sermos agradáveis aos que artificiosamente cultivam preconceitos ou praxes oficiais.

Mas, se um consciente anti-militarismo afasta de exibições a que não devemos solidariedade, os sentimentos humanitários que professamos, a compaixão que nos merecem todos os homens que se sacrificam,

Mas têm os povos hoje maior soma de liberdade?

Fez-se a guerra para honrarmos a aliança com a Inglaterra.

Mas tem a Inglaterra alguma consideração pela desgraçada situação económica que a guerra nos criou?

Fez-se a guerra para acatular as colônias.

Mas não estamos, todos, a ver a miserável situação administrativa—mesmo a situação internacional—em que se debatem as colônias?

Mentiras, embustes, palavras. E se alguém tenta desfazer essas mentiras, desfazer esses embustes, esclarecer essas palavras, logo saltam os mastins de diversa espécie acusando de traidores, insultando de bandidos, os que se não prestam a en-



O operário fardado defende a sua Pátria

faz com que olhemos com respeito êsas milhares de portugueses que caíram varados pelas balas, rasgados pela metralha, em terra estrangeira, a maior parte deles batendo-se por uma causa que não era a sua, queimando a sua juventude no mais doloroso dos sacrifícios.

A hora em que as estâncias oficiais comemoram essa jornada militar, em que não podemos duvidar que tivesse havido páginas de heroísmo, analisando tudo e tanto que se tem passado depois da guerra, sentimo-nos com direito a lamentar que esse heroísmo, esse sacrifício, não tivesse sido empregado ao serviço dum acausa mais humana, e que mais aproveitasse aos que tão nobremente se deram à morte e ao sacrifício.

Neste momento de comemorações oficiais, sentimo-nos com autoridade para pregar aos autores dessa guerra se a obra que dela resultou foi, efectivamente, a que eles sonharam?

Foi todo esse espetáculo moral e político que oferece a sociedade portuguesa, o que se pretendeu realizar com a entrada de Portugal na guerra?...

Não acreditamos. Ainda fazemos essa justiça a alguns dos nossos adversários. Mas se não acreditamos, e se aceitamos que acontecimentos anormais, derivados dessa guerra, nos trouxeram a tão desgraçada situação, por isso mesmo temos de condenar a guerra e lastimar o precioso sacrifício de tantas vidas dadas em holocausto, para que algumas centenas de banqueiros e comerciantes desenfriados dessem passo à sua rapacidade.

É preciso dizer-lhe bem alto: o sangue derramado no 9 de Abril, esse sangue de tantos mortos, é que os quais a burguesia encheceu os seus cofres.

Enquanto soldados e oficiais se batiam e enfrentavam a morte, elas, os burgueses patriotas, aumentavam fabulosamente a sua fortuna, alheios ao sacrifício de tanto desgraçado.

Patriotas desses não se respeitam—os próprios oficiais, e os próprios soldados não devem aceitar a sua solidariedade.

Não queremos turvar as festas, e muito menos afrontar a memória dos mortos. Mas o sacrifício do povo que se bateu e morreu na guerra, onde nos ficaram amigos, camaradas queridos, pessoas de família; e a situação económica que depois da guerra se criou, e que bastante opriu e esmagou os trabalhadores, impele-nos a dizer estas verdades—que são, ainda, a melhor homenagem a prestar aos que tombaram no campo da batalha.

Fez-se a guerra porque a liberdade corria perigo.

trar no círculo jingudos ao carro triunfal dos nossos Césares!

Sim—oijam-nos, bem, os soldados e oficiais que se bateram—nós respeitamos a dor e o sacrifício dos que morreram, dos que sofreram e vivemos ainda hoje, com infinita mágoa, os pobres mutilados que arrastam as suas muletas, os seus corpos trucidados, sem que os desinteressados e endinheirados patriotas saibam honrar esse sacrifício.

Mas lamentamos profundamente que esse sacrifício "apenas aproveitasse ao comerciante rico, ao industrial rico, ao proprietário rico, e que oficiais e soldados continuem na miséria defendendo a causa dos seus exploradores".

Disse-nos o vereador sr. Raúl Caldeira que o problema iria ser resolvido da forma mais razoável, atendendo-se aos interesses da empreza, da Câmara e do público.

E, para finalizar, afirmou-nos ainda:

—Cuidaremos desse assunto com toda a atenção que ele requer, tanto mais que é a população da cidade que é especialmente interessada.

Terminada a entrevista, despedimo-nos cordialmente e apressamo-nos a trazer ao conhecimento dos nossos leitores o aspecto que esta importante questão agora revestiu.

A Câmara, que benévola contemporizou com a companhia dos eléctricos, não está disposta a levar essa transição a ponto de prejudicar os direitos da população que representa.

Impõe-se que a mesma população se preocupe também com a defesa desses interesses, sobre os quais a companhia dos eléctricos vem tripudiando há muito tempo.

Que diz a isto "O Século"?

Refúgia a assembleia magna dos vendedores de jornais, a qual ratificou as declarações de Alfredo Marques Pereira em *A Batalha* de ontem, referente à solidariedade dos vendedores do Porto.

A mesma assembleia protestou contra a local do *Século*: "Como se burlam os incultos", afirmando que a assembleia ma-

preendem isso e vão abatendo à bala ou arrastando aos tribunais, aqueles que um dia desertaram ao fatídico rebanho que é o pastoreiam.

E, todavia, é preciso que essas deserções se deem. E' preciso que o rebanho se transforme; é preciso que suas libres, símbolo de morte e de agressão, sejam destruídas inexoravelmente.

E aqui vem o outro velho aspecto da questão.

Que os generais, os coronéis, os oficiais graduados, defendam seus galões, que amamentam no sentido que a ferocidade deles se amplia, compreende-se. E' humano, mesmo humano ao cabo e ao fim. Eles defendem seu posto, a vanguarda das hordaças que não teriam se não fosse a libré scintilante de metais. Que eles defendam mesmo o princípio de que o exército é necessário; também se compreende que vivem para matar...

Mas que o rebanho, os soldados anônimos, carne ignorada para vis holocaustos, imitem os generais, isso é que se torna incomprensível.

O soldado é também um sacrificado, um expoliado—é o mais triste de todos os pântanos, porque é pária também de liberdade.

E' um autômato, um escravo, que leva uma missão mais sinistra que a de todos os escravos antigos—a de matar o seu semelhante.

E nem assim seu lar terá conforto; e ele será sempre para sua família uma simples hipoteca, porque seu trágico ofício tanto o pode conduzir a casa, esfacelado, como definitivamente para a morte.

A inteligência contemporânea é precisamente contrária a esses odiosos princípios. A inteligência só pode estar com a Liberdade, é dizer, contra o militarismo.

Mas esses generais, que têm as mãos envelhecidas pelo sangue humano, não com-

TARIFAS DOS ELECTRICOS

A Carris tem de beneficiar o público

O vereador sr. Raúl Caldeira expõe-nos a ação desenvolvida e a desenvolver pela Câmara

Ocupámos-nos ontem da baixa nas tarifas-bases dos eléctricos que se deveria ter dado em 1 de outubro.

Tratando-se de um assunto, que ao público lisboeta tanto interessa não quisemos tratá-lo sem absoluto conhecimento de causa, e, por esse motivo, procurámos alguém que nos pudesse pôr o facto do verdadeiro aspecto da questão.

Prestou-se amavelmente a satisfazer os nossos desejos o vereador, da Câmara Municipal, sr. Raúl Caldeira, a quem o assunto está mais afecto.

Em sessão plenária, já há tempos efectuada, elucidou-nos—foi resolvido chamar a atenção da Comissão Executiva para a necessidade de levar a Carris a actualizar as suas tarifas, o que as alterações na divisa cambial tornaram irrecusável.

E, certamente, a Comissão Executiva cumpriu as resoluções da Câmara—dissemos.

—Cumpriu. Accordou-se que a Comissão Executiva não devia aparecer em público com uma atitude irredutível, e deveria empregar todos os meios suassórios para conseguir que a Companhia observasse as disposições do contrato.

—E nessa conformidade...

—... a Comissão Executiva tratou do assunto oficialmente, tendo-se avisado com um director da Companhia, fazendo-lhe sentir que teria de baixar as suas tarifas.

—Houve alguma objecção da parte da Carris?

—A direcção da Companhia não se negou a efectivar a baixa, e parecia disposta a satisfazer à cláusula do contrato que a obriga a tal, e informou que enviaria a Londres um director para trocar impressões com o conselho de administração da empreza, do que não queremos duvidar.

—Mas as novas tarifas, segundo julgamos, deveriam entrar em vigor no princípio do mês corrente.

—De facto, vai demorando a solução do assunto, que, a bem dos interesses da cidade, tem de ser resolvido depressa, pelo que a Comissão Executiva o tratou novamente, tendo sido, hoje mesmo, ventilado em reunião da sessão plenária, ficando assente que eu e o meu colega Marques da Costa não abandonariam sem que fizéssemos definitivamente arrumado.

—Sendo assim, como irá agora a Câmara proceder?

—O vereador sr. Marques da Costa e eu entendemos que se deve desistir de tratar do caso oficialmente, exigindo da Companhia o cumprimento do contrato, indicando à Câmara que se deve obrigar-a a fazer.

—Não dará essa atitude, aliás bem justificada, origem a um conflito?

—Não queremos, de forma alguma, ser agressivos, mas também não podemos estar a protelar a resolução dêste caso nem consentir qualquer protelamento.

Disse-nos o vereador sr. Raúl Caldeira que o problema iria ser resolvido da forma mais razoável, atendendo-se aos interesses da empreza, da Câmara e do público.

E, para finalizar, afirmou-nos ainda:

—Cuidaremos desse assunto com toda a atenção que ele requer, tanto mais que é a população da cidade que é especialmente interessada.

Terminada a entrevista, despedimo-nos cordialmente e apressamo-nos a trazer ao conhecimento dos nossos leitores o aspecto que esta importante questão agora revestiu.

A Câmara, que benévola contemporizou com a companhia dos eléctricos, não está disposta a levar essa transição a ponto de prejudicar os direitos da população que representa.

Impõe-se que a mesma população se preocupe também com a defesa desses interesses, sobre os quais a companhia dos eléctricos vem tripudiando há muito tempo.

Que diz a isto "O Século"?

Refúgia a assembleia magna dos vendedores de jornais, a qual ratificou as declarações de Alfredo Marques Pereira em *A Batalha* de ontem, referente à solidariedade dos vendedores do Porto.

A mesma assembleia protestou contra a local do *Século*: "Como se burlam os incultos", afirmando que a assembleia ma-

preendem isso e vão abatendo à bala ou arrastando aos tribunais, aqueles que um dia desertaram ao fatídico rebanho que é o pastoreiam.

E, todavia, é preciso que essas deserções se deem. E' preciso que o rebanho se transforme; é preciso que suas libres, símbolo de morte e de agressão, sejam destruídas inexoravelmente.

E aqui vem o outro velho aspecto da questão.

Que os generais, os coronéis, os oficiais graduados, defendam seus galões, que amamentam no sentido que a ferocidade deles se amplia, compreende-se. E' humano, mesmo humano ao cabo e ao fim. Eles defendem seu posto, a vanguarda das hordaças que não teriam se não fosse a libré scintilante de metais. Que eles defendam mesmo o princípio de que o exército é necessário; também se compreende que vivem para

marcará pelo número — pelo rebanho a que ele se agregar. Seus gestos terão de ser rígidos, muda a sua boca — toda a liberdade lhe estará cercada.

Um soldado é muito mais desgraçado do que esses párias que não têm um teto, mas que estão livres e não terão de tingir suas mãos com sangue.

E isto que é preciso que os soldados compreendam e sintam.

É preciso que elas vejam em sua farda algo mais sinistro que o habitual dum forçado. O militarismo é contrário à fraternidade humana e só pode beneficiar aos poderosos e não a essa massa apônoma que os constitui e que não se empavonam com rutilantes galões. Essa massa anônima não pode estar ao lado dos que a envenenaram na guerra e dos que a escravizam no quartel. Estar ao lado deles é estar ao lado dos próprios alugadores.

E em vez dum rebanho de escravos elas tem de ser uma legião de rebeldes, pronta a inaugurar a época de justiça que a humanidade reclama.

Deixemos os generais franceses acusarem Sadoul. Elas também um dia serão acusadas — e sem defesa possível...

F. DE C.

Prossegue o julgamento de Sadoul

ORLEANS, 4.— Hoje, pela primeira vez, o processo Sadoul começou tomando o seu verdadeiro caminho devido à intervenção de várias testemunhas, tendo ficado demonstrado que a acusação a Sadoul fôr forjada desde o começo até ao fim por Clemenceau com o fim de molestar o partido socialista nas eleições de novembro de 1919.

A audiência abre às 13 horas e meia e em seguida procede-se à audição das testemunhas.

O presidente renova a declaração feita na sessão antecedente, reclamando da parte das testemunhas mais moderação e discreção.

O advogado Berthon faz notar que a manifestação da verdade não se poderá obter, se não fôr permitido às testemunhas uma grande liberdade de acção, quer sobre a intervenção da força armada na Rússia, quer sobre as ignominiás do governo Clemenceau.

Rogério Franco, engenheiro, que estivera em missão de estudo nas fábricas russas, faz a apologia da administração russa e critica a atitude da embaixada francesa.

Depois de ter feito o elogio do capitão Sadoul, que segundo él era o verdadeiro embaixador francês na Rússia, há uma pequena interrupção, em razão do advogado Berthon protestar contra a não stenografia das deposições das testemunhas de defesa, enquanto as das testemunhas de acusação foram stenografadas completamente.

— Depois de as testemunhas de acusação e de defesa, diz él, terem afirmado, sob juramento, que a inculpação de descrença era inexata, o dever do comissário do governo, deveria ter sido de reconhecer a verdade e de não usar os processos criminosos de 1918 e abandonar uma acusação que já não tem razão de existir. Ora, nada disso foi feito. Está-se premeditando uma condenação. Mas é preciso que todos saibam, que nós nunca toleraremos que seja aplicada a Jacques Sadoul um julgamento preparado com antecedência.

A sessão é suspensa de novo. Os animos estão exaltados. Sabe-se que durante a suspensão da audiência, o comissário do governo pediu ao comissário especial para que o protegessem à saída.

As 15 horas e 45 reabre a sessão e continua a audição das testemunhas.

Moulin, professor, vem dizer que deve a Sadoul o ter sido posto em liberdade pelos bolchevistas, depois do atentado cometido em Kherson por um contingente francó-grego.

Segundo António Cohen, o processo intentado contra Sadoul é apenas um processo político e por fim diz:

— Sadoul deve ser absolvido, pois não existe contra él, nem a sombra dum delito.

Ernest Lafont conhece as verdadeiras condições em que Sadoul foi enviado à Rússia como agente político encarregado de obter informações. Referindo-se à descrição afirma que era completamente impossível que Sadoul tivesse partido com o primeiro escalão.

Como nesse momento o coronel presidente declarasse: «Mas pode-se encontrar em estado de deserção involuntária», a defesa protesta contra esta opinião que está em contradição com o código.

A sessão é suspensa e pouco depois reabre, sendo dada razão ao advogado.

Passam outras testemunhas de somenos importância, às quais segue Vaillant-Couturier.

V. T.

Uma vitória feminista

PARIS, 8.— A câmara aprovou o projeto de lei concedendo o direito de voto e eleibilidade às mulheres, a partir dos 21 anos, para as eleições municipais e cantonais.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO
Cooperativa dos Canteiros. — Reúne hoje a assemblea geral às 21 horas.

Teatro São Carlos

HOJE E TODAS AS NOITES

O SINAL DE ALARME
QUE ESTÁ MARCANDO
UM AUTÉNTICO SUCESSO

Espectáculo de arte

Grata e deslumbramento

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 20 (8 horas) — HOJE

ESTREIA da mais recente e completa edição da sublime visão bíblica em 6 capítulos

A VIDA DE CRISTO

VIDA, MILAGRES, PAIXÃO, MORTE E ASCENSÃO DE JESUS CRISTO

Estreia do drama em 5 actos com MILTON SILLS

O TRIUNFO DO LAR

PREÇOS POPULARES

Semana da Criança

Reuniu ontem a Comissão Central tratando da aquisição de fundos, concurso de brinquedos e jogos educativos, festas das crianças e orientação a estabelecer para evitar nas exposições de trabalhos escolares que venham a realizar-se durante a Semana da Criança, alguns dos graves defeitos de que geralmente enfermam estas manifestações da actividade escolar. A Comissão resolveu enviar as comissões locais uma série de indicações sobre a orientação geral da Semana.

A Associação de Professores de Portugal pede-nos a publicação da seguinte carta por lhe ter sido negada a publicidade no jornal que, segundo o entender desta instituição, por lealdade jornalística lhe deveria ser dada:

Exmo Sr. Director de *A Epoca*: Só hoje li *A Epoca* de 27 do corrente onde vem publicado um artigo contra o projecto da Semana da Criança, de iniciativa da Associação de Professores de Portugal, de que sou humilde secretário geral. Não devendo esta instituição de educadores responder a esse artigo, todo feito de maldade, talvez de inconsciência, não pode porém deixar passar sem o seu protesto pelo que nele há de afrontoso para uma iniciativa que na elevação das suas intenções, na clareza dos seus objectivos e na honestidade dos seus processos, geralmente reconhecidos, está muito acima da falsa e tendenciosa ideia que dela pretende dar o autor do referido artigo. Os leitores de *A Epoca*, quaisquer que sejam as suas crenças, decerto que através do jornal que V. Ex.^a dirige se desejam conhecer a verdade das coisas e não ser arrastados para o mar de intriga, lutas e baixezas, em que os mil grupos e grupelhos da sociedade portuguesa miseravelmente se debatem. O secretariado da Associação de Professores de Portugal fica às ordens de *A Epoca* na Avenida Empregados Grandes, n.º 1, Benfica, para informar com veracidade os seus leitores sobre a obra de construção moral que é a Semana da Criança.

Pedindo a publicação destas linhas no vosso jornal, no lugar onde a Senhora da Criança foi denegrida, sou de V. Ex.^a com a devida consideração.

30 de Março de 1925.

Canhão Júnior.

O desastre de Barcarena

Sai hoje com alta do Hospital de São José, recolhendo a sua casa, Vivenda do Torrão, na Avenida Gomes Pereira, em Benfica, o tenente-aviador sr. Caídas, único sobrevivente do desastre de Barcarena.

— Depois de ter feito o elogio do capitão

Sadoul, que segundo él era o verdadeiro embaixador francês na Rússia, há uma pequena interrupção, em razão do advogado

Berthon protestar contra a não stenografia

das deposições das testemunhas de defesa,

enquanto as das testemunhas de acusação

foram stenografadas completamente.

— Depois de as testemunhas de acusação e de defesa, diz él, terem afirmado, sob juramento, que a inculpação de descrença era inexata, o dever do comissário do governo, deveria ter sido de reconhecer a verdade e de não usar os processos criminosos de 1918 e abandonar uma acusação que já não tem razão de existir. Ora, nada disso foi feito. Está-se premeditando uma condenação. Mas é preciso que todos saibam, que nós nunca toleraremos que seja aplicada a Jacques Sadoul um julgamento preparado com antecedência.

A sessão é suspensa de novo. Os animos estão exaltados. Sabe-se que durante a suspensão da audiência, o comissário do governo pediu ao comissário especial para que o protegessem à saída.

As 15 horas e 45 reabre a sessão e continua a audição das testemunhas.

Moulin, professor, vem dizer que deve a Sadoul o ter sido posto em liberdade pelos bolchevistas, depois do atentado cometido em Kherson por um contingente francó-grego.

Segundo António Cohen, o processo intentado contra Sadoul é apenas um processo político e por fim diz:

— Sadoul deve ser absolvido, pois não existe contra él, nem a sombra dum delito.

Ernest Lafont conhece as verdadeiras condições em que Sadoul foi enviado à Rússia como agente político encarregado de obter informações. Referindo-se à descrição afirma que era completamente impossível que Sadoul tivesse partido com o primeiro escalão.

Como nesse momento o coronel presidente declarasse: «Mas pode-se encontrar em estado de deserção involuntária», a defesa protesta contra esta opinião que está em contradição com o código.

A sessão é suspensa e pouco depois reabre, sendo dada razão ao advogado.

Passam outras testemunhas de somenos

importância, às quais segue Vaillant-Couturier.

V. T.

CAMARA MUNICIPAL

Foi apresentada uma proposta extinguindo a vala comum

Na reunião de ontem da Comissão Executiva da Câmara Municipal, foi apresentada pelo vereador dr. sr. Alfredo Guizado, a seguinte proposta, extinguindo a vala comum:

«Considerando que a chamada vala comum apresenta um aspecto degradante, anti-higiênico e até desumano, porque perturba grande número de cadáveres, em número aproximado a 2.000 por ano, em todos os cemitérios da capital; que desse número, as famílias dum certo, aparecem ameaçadoras inquirindo do paradeiro dos seus mortos queridos, não conseguindo as informações desejadas porque se encontram na vala numa mistura macabra, sem uma rigorosa identificação; também que se houvesse meio de informar essas famílias, resultaria para a Câmara Municipal de grande conveniência, porque pagariam as respectivas taxas, assim de poderem cuidar das covas, o que daria um aumento de receitas; ainda que, aquirindo uma parte de terreno da chamada Quinta de Santo António, que confina com o 1.º cemitério (Alto de São João), numa área approximada de 7.000 metros quadrados poderia dividir-se em duas zonas, uma destinada às classes pobres e outra destinada a substituir a vala comum; e

Considerando finalmente que a despesa ocasionada por essa aquisição ia ser largamente compensada com o aumento das taxas, já em vigor, sobre os enterramentos considerados de luxo, com o aluguer das sepulturas nesse mesmo terreno, com a diminuição do número de metros do muro a construir para a vedação e com o aumento de terreno que actualmente se destina às valas em todos os cemitérios da cidade; e

1.º Que seja extinta a vala comum em todos os cemitérios de Lisboa, excepto em caso de epidemia;

2.º Que seja autorizada a respectiva repartição de acordo com o vereador do pelourinho, a adquirir pela véspera de melhoramentos de cemitérios, o terreno necessário da chamada Quinta de Santo António que confina com o cemitério do Alto de São João, a fim de ser destinado a covas e dividido em duas zonas:

a) Zona dos pobres destinada a sepulturas para inumação de cadáveres que sejam transportados em caixões conduzidos a mão pelas ruas da cidade e que se façam acompanhar dum documento assinado pela maioria dos membros da junta de freguesia em que residia o falecido, com o competente sello em branco, documento em que se declare que era pobre e que o caixão fôr adquirido por subscrição;

b) Zona de indigentes: destinada aos cadáveres que se destinam actualmente à vala comum e que nela serão sepultados, em covas separadas, devidamente identificados;

3.º Que se passem a cobrar as seguintes taxas:

a) Com 50% com redução nos funerais destinados a zonas dos pobres;

b) Com a mesma redução quando a família dos sepultados nas zonas dos indigentes se façam acompanhar do documento que indica a alínea a) do art. 1.º desta proposta;

c) As actuais quando as famílias dos sepultados na zona de indigentes se não fãam acompanhadas do documento indicado na alínea anterior;

d) As actuais também em todos os serviços prestados nos cemitérios após a exumação;

4.º Que se oficie aos hospitais, morgue e cadelas, para que os cadáveres destinados à zona de indigentes, sejam devidamente identificados;

5.º Que na Administração do Cemitério do Alto de São João para onde passará o serviço das artesias valas se não forneça a nenhuma informação sobre o número das covas da zona de indigentes nem sobre elas se permita a colocação de objectos sem que estejam pagas as respectivas taxas».

— Na mesma reunião foi apresentada uma proposta tendente a evitar que as tabuletas prejudiquem a estética da cidade e a língua portuguesa.

— No mesmo dia, 7.º o entero do sr. C. Civil Filipe Francisco Carreira.

Fizeram-se representar os superiores da obra da Sé, assim como o pessoal operário da Sé, Machado de Castro, Casa Pia, Dependências da Casa Pia, Morgue e Município.

Igualmente se fez representar a polícia da área de Belém. A Secção Profissional dos Serventes fez-se representar pelos camaradas David Lopes e António Nunes, sendo o caixão coberto desde a Morgue ao cemitério de Benfica pela bandeira do Sindicato Único da Construção Civil.

No cemitério organizaram-se vários turnos que foram organizados pelos representantes da Secção Profissional de Serventes.

SEIXAL, 8.— Realizou-se hoje, pelas 18 horas, o funeral do premois camarándar Baltazar da Silva, natural de Évora, que ontem por termo à existência por meio de enferrimento. O extinto era muito estimado daqui, contando em cada conhecido um amigo.

Atribui-se este desenlace ao desespero estudo de espírito em que se encontrava aquele camarándar que há quatro anos sofria duma perniciosa doença. — (E.)

— Na mesma reunião foi apresentada uma proposta tendente a evitar que as tabuletas prejudiquem a estética da cidade e a língua portuguesa.

— Noite — camaradas que é o que se observa actualmente no movimento operário português: talvez novos elementos. Poderá I poiso se o futebol os absorver todos... — N.

o Abade Constantino» deliciosas comédias decorrendo num ambiente de frescura e ingenuidade. Três actos deliciosos que passam leves, deixando na retina e no espírito dos espectadores agradáveis sensações dum alegria serena e reconfortante.

— Estreia-se hoje no Coliseu uma primorosa visão bíblica, notável e recente edição da «Vida de Cristo». Nos seis capítulos desse «film» são magistralmente tratados a Vida, Milagres, Paixão, Morte, Ascensão de Jesus Cristo.

Durante a exibição a orquestra executará música sacra. Estreia-se «O triunfo do lar», drama em 5 actos de extraordínario valor realizado pela interpretação genial do grande Milton Sills. A empresa estabeleceu preços populares.

ESPECTÁCULOS

TEATROS

5 de Abril — A's 17,30 — O Sinal de Alarma.

Lectical — A's 21,15 — O Abade Constantino.

São Luís — A's 21 — Rato de Hotel.

Pelíteama — A's 21,15 — A Massuca.

Tinteleiro — A's 21,15 — As Tangereiras Mágicas.

Irenião — A's 21,15 — La Corte de Versailles.

Elen — A's 20,30 — Sessão permanente; Variedades.

Justino — A's 21,1

A BATALHA

PÁSCOA

A melhor amêndoada nacional
vende-se na PRIMOROSA

Especialidade em amêndoada aromatizada, exclusivo desta casa

R. S. PAULO, 130 TEL. C. 1247

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócias e molas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, lâmpadas. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata

Na casa que fornece em melhores condições.

—

**CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL**

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéniências.

Telefone, C. 5339

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.**FERRAGENS E FERRAMENTAS**

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmalta, parafusos, fundos para caldeiras,
guarnições para móveis —



Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para farrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELEfone, 3930, N. gramas, FERRAGENS

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POIAIS DE SÃO BENTO, 37

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00 — — — —

"Reumatina"

Vende-se em todas boas farmácias e drogarias —

Pó Anti-blenorragico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

MEIAS DE SEDA, DESDE 7\$50

LISAS, as RISCAS e com BAGUETTE aberta, em preto e todas as cores da moda. Desconto para reenvia.

SO NA RUA DOS SAPATEIROS, 70, 2.º

—

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anônima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13.500.000\$00

SEDE—Rua do Comércio, 148—LISBOA
CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamego e Setúbal, e Correspondências Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES — Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

A BATALHA

OURO

muito mais BARATO

Grande sortimento de cordões, correntes e mais objectos de ouro, assim como anéis, alfinetes e mais objectos com brilhantes.

Só vende BARATO

a OURIVESARIA

CORRÊA & MOURA

Rua de São Paulo, 186—Lisboa
(Próximo à Casa da Moeda)

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cér, para marceneiros, serradas em tódas as grossuras. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglezinhos, 50—LISBOA

BOM E BARATO!!!

Feito de fatos, com bons forros e esmerado acabamento, a 200\$00. Acs. operários sindicados 10% de desconto.

Manuel Justino da Oliveira

Rua de Campolide, 61
(Última paragem do eléctrico)

CALÇADO BARATO

SÓ VENDE O

CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem

Botas de couro... 12\$00

Boots de vela... 12\$00

Boots de vela branca de 1.º 12\$00

Boots calf preto 12\$00

Boots calf preto de 1.º 12\$00

Boots calf preto formadeira 12\$00

Boots calf mo... 12\$00

Sapatos calçado... 12\$00

Sapatos verniz... 12\$00

Canos camurca... 12\$00

Sapatos calf, ca... 12\$00

Completo sortimento em calcado meccânico marca "Ellie". Botas palmárias e cér. verniz canos fantasia

Botas palmárias e cér. verniz canos fantasia

Boots americana como forma da madeira.

—

“A Batalha” vende-se em tódas as tabacarias

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

A BATALHA

OS DOGMAS NA MEDICINA

A obrigatoriedade da vacina constitui um atentado à liberdade individual

A descoberta de Jenner ainda hoje é tida como uma grande coisa, como uma verdadeira maravilha que serve simultaneamente a saúde pública... e as algibeiras dos inúmeros Galéos que por ali pululam os cardeais, ávidos de doçuras para enriquecerem a cesta delas, como os juízes e advogados só desejam crimes para bem poderem governar a vidinha.

Efectivamente muito imoral é a constituição de uma sociedade que gera umas faísca anomalias, uma sociedade onde o crime e a doença são consideradas necessidades para justificar a existência de certas castas parasitárias, e muito profundo deve ser o golpe destrutivo que terá de sofrer num futuro mais ou menos próximo para que depois se possa construir alguma coisa de superior!..

A presente ciência médica oficial é um agregado de dogmas que se impõem à inteligência rudimentar do povo com a mesma violência com que outrora os adeptos de Santo Inácio de Loyola obrigavam os humildes plebeus a aceitar esse cristianismo azedo chamado catolicismo, em detrimento de outras conceções filosóficas porventura mais puras, mais humanas, mais consentâneas, enfim, com as leis da evolução.

E senão, vejamos o que se passa actualmente com as medidas anti-epidémicas que a Direcção Geral da Saúde tem pôsto em prática de um modo draconiano.

A Direcção Geral de Saúde no intuito de evitar o desenvolvimento da variola em Portugal resolveu intimar os dirigentes dos estabelecimentos de trabalho a mandar vacinar o seu pessoal sob pena de procedimento legal.

Querem coisa mais arbitrária!

A nossa medicina oficial adoptou o dogma britânico de que só a vacina é o único e absoluto preservativo da variola e vê de impô-lo ferozmente a toda a gente sem admitir discussões de espécie alguma, como aconteceu em certos estabelecimentos onde houve, ao que nos consta, médicos caturros que com modos inquisitoriais responderam assim a alguns protestantes contra tal medida: «ou são vacinados ou vão para a rúa».

Os que adoptam critérios higienistas diferentes baseados em solidas razões, aqueles que vivem conscientes as leis da Natureza e que conseguiram uma muito maior consciência de saúde que eloquientemente os impõe como exemplos irrebatíveis das ideias que defendem, nem esses mesmo foram respeitados. Por toda a parte o «crê ou morres», a lânceta jesuítica dos médicos inoculando numa infinidade de braços a dogmática vacina.

É tudo isto afinal para quê? Para bem do povo? Bem se importa o Estado e os médicos com o bem do povo!

Se o Estado se preocupasse com o bem comum dispensava muito bem essa charlatanice da medicina oficial.

Senhores governantes, desejam extinguir as epidemias e a varíola de um modo geral?

Pois bem, fechai as tabernas e abri escolas onde se ensine higiene, onde todas as lições sejam inspiradas na sacrossanta lei da fraternidade universal; riscai a palavra miséria dos dicionários e garanti a todos o direito à vida; assegurai a todos um regime alimentar sadio, isento das falsificações múltiplas e várias que só tem gerado em cada indivíduo um sangue impuro suscetível de todas as doenças e de todos os contágios; fechai os prostíbulos e criai a verdadeira lei da família, concorre para o exterminio da guerra, fechai essas pestilências prisioneiras e edificai hospícios onde se isolen os tarados e escolas de reeducação para os atrasados; expropriai a terra aos usurpadores e tornai a propriedade comum e se elas quizerem fazer valer os seus direitos exigir-lhe, com Proudhon, o primeiro recibo de compra.

E se verificarás que a atual organização da sociedade é impotente para conceber obra tão grandiosa provocai a sua demolição e ajudei depois a construir outra mais perfeita.

Sem isto nunca passaremos da «cêpata», aparecerão cada vez mais anormalidades nos seus variadíssimos aspectos, surgião epidemias catastróficas e epidemias inventadas para tornar obrigatorias certas vacinas e certos medicamentos que muito farão lucrar as classes médica e farmacéutica e muito prejudicarão o povo, o eterno sacrificado... até ao dia em que deixar de o ser!

G. M.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Para uma biblioteca juvenil

No séde do Sindicato Único Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2º (ex. 204), realiza-se no domingo, 26 do corrente, pelas 15 horas, um espetáculo promovido pela secção metalúrgica do Núcleo da Juventude Sindicalista, à favor da sua biblioteca.

Exibir-se-hão as cegadas: «Primo de Rivera», de primo de Rivera e «Sombrias que falam», de Ayelton Martins. O Núcleo Cultores do Fado, fará um certame, e dará também o seu concurso a troupe familiar «Os Bichinhos».

AS GREVES

Prevenção aos descarregadores

A direcção dos Descarregadores de Mar e Terra previne os operários da classe de que não devem ir trabalhar em serviços de descargas, quando os mesmos vão afectar o movimento dos estivadores que se encontram em luta com os armadores.

Também para tratar dum assunto que se relaciona com o movimento dos estivadores, reúne hoje a comissão administrativa, às 20 horas.

Informações sociais

(O Repartição: International do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Horário das 8 horas

Na Alemanha e na Polónia

Duas decisões recentes relativas ao horário do trabalho, tomadas simultaneamente em Berlim e em Katowitz marcam mais um passo na aplicação internacional do dia de trabalho de oito horas.

Na Alemanha, o governo organizou a lista dos estabelecimentos considerados insalubres ou perigosos e nos quais a duração cotidiana de trabalho não deve ultrapassar as oito horas. Desde 1 de Abril, corrente, o sistema de três turnos funcionará de novo nas indústrias. Essa reforma visa os altos fornos e as destilarias de hulha.

Na Polónia, os representantes das organizações patronais e operárias, firmaram, em 17 de Janeiro, um acordo restabelecendo imediatamente o horário de oito horas na metallurgia do zinco e do chumbo, e durante seis meses—às dez horas na siderurgia.

No fim desse período, o dia de trabalho de oito horas será restabelecido se a situação económica tiver melhorado.

Os interessados obrigarão-se, em caso de desacordo sobre esse ponto, a aceitar a decisão do árbitro.

Na França

Pelo ministério do trabalho francês foi feito um inquérito no tocante aos resultados práticos de lei 23-Abril-1919, que establece o dia de 8 horas de trabalho. Segundo as monografias já publicadas no Boletim Oficial do ministério a diminuição de duração de labor provocou principalmente um melhoriaamento do aparelhamento e dos métodos de remuneração. Muitas vezes, essa melhoria acarretou um aumento não só do rendimento horário mas também do diário. Pode-se citar dois casos interessantes:

Nas fundições em Albi, que utilizam unicamente o ferro gusa na execução de numerosas peças de variados contornos e peso diferente, o rendimento horário aumentou de 450 quilogramas ou seja um pouco mais de 83%.

Os estabelecimentos Perrot—fabrico de bicicletas e motos—vão a produção anual por operário passar de 1 em 1913, a 1,40 em 1914, em consequência de melhoria do aparelhamento, organização do trabalho por séries, da generalização do sistema de salários por peças e melhoramento higiénico das oficinas.

7.ª Conferência Internacional do Trabalho

Em 19 de Maio próximo reúne em Genebra a sétima Conferência Internacional do Trabalho, na qual serão discutidas as seguintes questões:

1.—A reparação dos acidentes no trabalho;

2.—A igualdade de tratamento dos trabalhadores nacionais e estrangeiros vitimas de acidentes no trabalho;

3.—Suspensão semanal de 24 horas nas férias de fogo contínuo.

4.—O trabalho nocturno nas padarias.

No tocante à primeira dessas questões a conferência poderá decidir ou adoptando um projeto de convenção ou uma recomendação. Um projeto de convenção é um acordo internacional que deve ser submetido aos Parlamentos dos vários estados membros da Organização Internacional do Trabalho, a fim de serem incluídos na legislação de cada país, as recomendações visam a fixar princípios gerais para orientar os governos na elaboração da legislação nacional.

Quanto às restantes questões a conferência tem de proceder ao voto definitivo dos projectos de convenção.

R. I. T.

INSTRUÇÃO

No Sindicato Único Metalúrgico

Continuam funcionando, com bastante frequência de operários, as aulas do Sindicato Único Metalúrgico. A inscrição para estas aulas continua aberta.

No mesmo sindicato continua patente a sua biblioteca em que se encontram grande número de obras de estudo de filosofia, de literatura e de história.

PROPAGANDA SINDICAL

Operariado de Alcabideche

A necessidade da sua organização

Em tempos foi nomeada em Alcabideche uma comissão que tinha por objectivo constituir o sindicato dos operários da construção civil da localidade e arredores, mas até hoje ainda esse facto se não verificou, possivelmente por falta de energia ou de interesse pelo assunto.

Cumpre-nos dizer aos operários de Alcabideche, pelos quais temos muita consideração, que nunca é tarde para os grandes empreendimentos, e que não devem opor-se ao desenvolvimento da organização operária.

O grande movimento de liberação humana, que se está operando em todo o mundo, e as lutas travadas em Lisboa e nas províncias, devem encorajar os operários de Alcabideche a tomarem parte na luta pela vida, reivindicando os seus direitos de homens e de trabalhadores, caminhando para a liberdade.

(Paredes, 6 de Abril de 1925.—Um operário sindicado.)

Uma sessão de propaganda

No próximo sábado irão a Alcabideche elementos dos sindicatos de Parede, Tires e Cascais, juntamente com delegados da C. G. T., Federação da C. Civil e Juventude Sindicalista, em missão de propaganda, pois é de necessidade que exista entre todos os trabalhadores do concelho de Cascais a mais estreita solidariedade e a maior harmonia.

Também para tratar dum assunto que se relaciona com o movimento dos estivadores, reúne hoje a comissão administrativa, às 20 horas.

Ler o Suplemento de A Batalha

NO ERVEDAL

A secção da U. I. E embriaga a G. N. R. para agredir e assassinar rurais!

Um trabalhador em perigo de vida e várias mulheres e velhos agredidos à sabada!

Vieram queixas de que no Banco do Crédito Predial se encontram alguns operários da construção civil a fazerem horas suplementares.

Acrescentou o nosso informador que desde a semana passada se está cometendo esta tração sem que os transgressores entendam o seu gesto.

A ser verdadeira a informação, é muito triste que com a presente crise haja operários que se prestem a tão antipático papel.

Depois de roubada ainda con-

Queixas e reclamações

Traendo o horário de trabalho

Vieram queixas de que no Banco do Crédito Predial se encontram alguns operários da construção civil a fazerem horas suplementares.

Acrescentou o nosso informador que desde a semana passada se está cometendo esta tração sem que os transgressores entendam o seu gesto.

A ser verdadeira a informação, é muito triste que com a presente crise haja operários que se prestem a tão antipático papel.

Depois de roubada ainda con-

denado

Germano Rosa «adiantou-se há tempos com uns objectos pertencentes a Carolina Ferreira da Silva, rua do Diário de Notícias, 20, rezado-chão, evadindo-se em seguida para Arganil. A vítima apresentou queixa à polícia e esta enviou aquela vila a guarda 1449, José António.

Nas suas diligências o 1449 capturou o Germano, apreendendo-lhe os objectos e fazendo-o remover para Lisboa.

O mais extraordinário de tudo isto é que o Germano foi posto em liberdade, sendo entregue os baveres da Carolina. Como se isto não fosse o suficiente a vítima ainda por cima foi condenada nas despesas que o guarda fez nas suas diligências, tendo que pagar 102\$30.

Ora digam lá se não é a própria polícia a iniciar ao roubo e a proteger os delinqüentes, segundo o conceito burguês...

Os cadastros policiais

Manuel Borges Casimiro, foi no dia 30 de passado mês pedir trabalho ao engenheiro-chefe das Oficinas Gerais da C. P., em Santa Apolónia.

Esse senhor, sem que couba alguma o justificasse, apontou-lhe uma pistola e intimou-a a acompanhá-lo a uma esquadra.

Manuel Borges Casimiro, esteve um dia na esquadra do Vale de Santo António, outro na das Caminhos de Ferro, sendo depois enviado ao governo civil, onde quizeram incriminá-lo por homicídio frustrado.

Foi ontem enviado à Boa-Hora onde o puderam em liberdade.

Eis como a polícia fabrica os cadastros.

Na Guarda

Nove operários julgados por roubo.—Foram condenados os queixosos

GUARDA, 3.—No tribunal judicial desta comarca responderam ontem nove operários acusados de terem furtado sete carros de batata.

O caso é o seguinte: Em Gonçalo existe uma associação operária, que possui um celeiro destinado a auxiliar os desempregados. Como alguma da localidade pretende-se fazer sair, de noite, sete carros de batata, o que iria prejudicar o celeiro e os habitantes de Gonçalo, os nove acusados juntaram-se para o impedir, o que fizeram. E, em virtude disso, foram presos.

Quasi todas as testemunhas depuseram contra os reus, tendo o delegado procurador da república pedido a sua condenação.

Joaquim José, Antônio Marques, Antônio Mendes, Joaquim Vídua, Joaquim Centeio, Joaquim Mariano, Laurentino Francisco, Francisco Damião, Maria Rosa, Cristina Rosa e Joana Pinho.

O rural Joaquim José encontra-se gravemente ferido e em perigo de vida. Os soldados ainda chegam a apontar as carabinas para dentro da associação sem que tivessem sido provocados.

Um rural—Manuel Fortes—só por ter feito a observação que não era preciso ameaçar pessoas que estavam retidas na melhor ordem foi logo preso pelo guarda.

Acabada esta repugnante agressão que, além de atingir mulheres, atingiu também velhos, pois três dos feridos têm mais de 60 anos, os soldados foram para casa do moageiro Francisco Grilo que novamente os embriagou.

A vila do Ervedal está ainda ocupada por fôrças da G. N. R. Narrados que ficam estes factos com singeleza importa agora perguntar ao ministro do Interior se é a União dos Interesses Económicos que paga à G. N. R. e se é legal, se é humano que esta seja embriagada para agredir e assassinar.

O advogado de defesa, dr. sr. José de Almeida, rebateu toda a acusação, esclarecendo os factos que deram motivo à prisão dos operários, e enalteceu a obra de solidariedade do celeiro instituído pela associação de Gonçalo.

A vida dos trabalhadores tem de ser respeitada e não pode andar ao sabor de caprichos e ódios. Em Ervedal a G. N. R. agrediu trabalhadores às ordens da secção da União dos Interesses Económicos e a nós não nos consta que o sr. João Pereira da Rosa possa dispor das nossas vidas sem que se lhe faça sentir que os que são explorados não estão dispostos a morrer, sem resistência, as mãos dos exploradores.

Comissão pró-presos por questões sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas, para assuntos que se prendem com o auxílio a prestar aos presos.

Vacinação gratuita

No consultório médico gratuito estabelecido no Centro Escolar Republicano Antônio Luís Inácio, rua Sábio de Sousa, 39, 1.º, ainda hoje o ilustre facultativo escolar, tenente-coronel médico sr. Vasco Fernandes, vacina gratuitamente todas as pessoas que para esse fim ali se apresentam à hora da consulta para os pobres, ou seja das 17 às 19 horas.

As pessoas até agora vacinadas devem comparecer àquela mesma hora, a fim de ser verificado o resultado da vacinação.

Prevenção

</div